

INDISCIPLINA ESCOLAR: PROBLEMATIZAÇÕES ACERCA DA SUBVERSÃO DOS ALUNOS

VANESSA BUGS GONÇALVES¹; JARBAS SANTOS VIEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – vanessabugsgoncalves@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – jarbas.vieira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A indisciplina escolar pode ser analisada como uma contraposição às normas estabelecidas pela escola. Todavia penso que, sobretudo, a escola trabalha com uma pedagogia centrada no sujeito como um ser que precisa ser responsável, autônomo e reflexivo. Nesse sentido, a escola se autoriza como a detentora das regras e dos caminhos que levarão o sujeito a se conduzir em direção àquilo que se precisa para estar dentro das normas de um sujeito consciente, isto é, de que seus atos poderão levá-lo ao bem ou ao mal, basta que tenha ciência e discernimento sobre as consequências de suas ações. Criam-se atividades diversas para que o aluno possa refletir sobre suas ações e a partir disso ter consciência de escolher o que é melhor para ele. Nesse sentido, este trabalho visa se afastar de uma abordagem que considera a indisciplina como sendo determinada pela conjuntura familiar ou por um não entendimento da escola em reconhecer o aluno com um novo perfil. Aproxima-se, portanto, de entender a indisciplina como possibilidade de reinvenção dos alunos frente às estratégias e normas estabelecidas da escola. Baseada no pensamento de Foucault (2013) compreende-se que o poder está em toda parte e, por isso, torna-se dizível que tanto alunos quanto professores exercem poder no cotidiano escolar. Com o pensamento de Certeau (2012), defende-se que os alunos subvertem as lógicas impostas utilizando táticas frente às estratégias da instituição.

2. METODOLOGIA

Utilizou-se dos conceitos de táticas (CERTEAU, 2012) e poder (FOUCAULT, 2013) a fim de analisar o conceito de indisciplina e pensar outras formas de viver o cotidiano escolar. Dessa forma, os conceitos de táticas e relações de poder possibilitam analisar a indisciplina sob uma ótica que visa não condenar as ações consideradas indisciplinadas, mas problematizar aquilo que é tido como um problema a ser combatido e, quem sabe, poder ver na ação indisciplinada outra possibilidade de viver a escola e a sala de aula.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O poder deve ser compreendido como uma “multiplicidade de correlações de forças imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamento incessantes as transforma, reforça, inverte” (FOUCAULT, 2012, p. 102). As correlações de poder “não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam, nas relações de poder, o papel do adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão” (idem p. 106). Nesse sentido, se os pontos de resistência estão presentes nas relações de poder, como não enxergá-las também na escola? E, também, por que não relacionar a resistência à indisciplina?

A relação professor-aluno pode ser pensada numa perspectiva foucaultiana (2013), como sendo uma relação de poder, e que permite efetuar uma leitura do conceito de disciplina como um discurso de um dos lados da relação (professor/escola) em contraponto ao conceito de indisciplina como um discurso do outro lado (aluno).

Para Foucault (2013), não há alguém isento de poder nas relações entre sujeitos livres, pois o poder é exercido em sujeitos livres, do contrário é violência. Nessa perspectiva não se pode dizer que alguém detenha o poder ou que alguém esteja isento dele. Vivem-se relações de poder, e, pensando na escola, tanto alunos quanto professores exercem poder no cotidiano escolar. É exercido poder quando tomam atitudes, quando tomam decisões, quando resistem etc.

O aluno pode jogar bem com os rótulos que lhe são dados, uma vez que pode ser considerado indisciplinado em um momento, mas pode ser disciplinado em outros. O aluno negocia com a escola e se há essa possibilidade é porque onde há vida social e coletiva há relações de poder e onde há poder também há resistência (FOUCAULT, 2012). Ele exerce poder quando resiste. Toda resistência é sempre pontual, não tem hora e lugar marcado, age na oportunidade. A indisciplina, eu diria, é experimentação de um aluno não só inconformado com o imposto, mas que pensa e vive de outras maneiras e, por isso, pode ter desejo do novo e da criação.

Essa perspectiva, então, vai ao encontro da concepção de Certeau (2012) sobre o sujeito ordinário, na qual, diz ele, escapa das tentativas de normalização cotidianas, uma vez que não se conforma a ordem imposta e resiste quando há oportunidade de subverter o que foi instituído. O indisciplinado, por esse ponto de vista, seria aquele que não se deixa representar por verdades criadas para lhe dizer quem é e por quais lugares deve ir. O aluno é um sujeito ativo no cotidiano escolar. Os indisciplinados subvertem a ordem estabelecida e reinventam modos de habitar no cotidiano escolar.

Muitas vezes a escola não considera o aluno como um sujeito ativo, que reinventa os mecanismos de controle a ele imposto. Certeau (2012) afirma que o sujeito não concebe, sem reação, o que lhe é exigido, e, por isso, reusa aquilo que lhe foi determinado a ser seguido. É comum serem apresentados relatos de problemas das vidas dos alunos para justificar suas condutas e, assim, livrar as professoras e as escolas dos problemas que se colocam frente a seus aprendizados e no decorrer das aulas. Assim, fica a conformação de que pouco pode ser feito para que algo se modifique em ambientes indisciplinados, já que as vidas dos alunos fora da escola já estão comprometidas. Essa caracterização imposta sobre os alunos diferencia uns dos outros segundo critérios estabelecidos do que é um aluno disciplinado e o que é um aluno indisciplinado.

Para Certeau (2012) é através do tempo e do proveito que se tem dele que as táticas dos sujeitos se articulam, permitindo, assim, com que escapem da ordem a partir de uma dada ocasião. A estratégia detém lugar próprio e é, segundo Certeau, um "lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações como uma exterioridade de alvos ou ameaças" (2012, p.93). A estratégia não aprisiona o sujeito, visto que ela é operada sobre sujeitos livres. Não há dominação, e é por isso que as relações de poder são exercidas, haja vista que a possibilidade de resistir está relacionada ao exercício do poder.

O indisciplinado opera no campo próprio (estratégia) que é a escola. Quando há oportunidade de fuga das imposições o indisciplinado age. No entanto, o indisciplinado não tem campo próprio, ele não consegue totalizar o adversário

porque ele está dentro do jogo da escola. A instituição escolar possui lugar próprio e que provem totalizações. Totalizações que são reusadas pelos consumidores/alunos de inúmeras maneiras, incapazes de serem captadas pela instituição.

Para Certeau o sujeito não se conforma com o que lhe é imposto e age no momento em que é oportuno, no momento em que o olhar vigilante se descuida. Esse sujeito está presente na escola. É possível a criação de um plano a seguir, mas possivelmente ele será alterado, uma vez que os sujeitos que fazem parte dessa conjuntura se alteram, recriam, reusam. Na escola está o sujeito indisciplinado que cria formas de resistência e de fuga do olhar totalizador, reinventando e reusando as normalizações.

4. CONCLUSÕES

Se olharmos a indisciplina sob outra perspectiva, — uma perspectiva que não condena e não normaliza —, talvez possamos ver a potência que possa haver naquilo que é transgredido e, diferentemente das classificações comumente geradas, analisar a indisciplina por outro viés: a possibilidade de criação e invenção do sujeito frente às imposições disciplinares da escola.

Pensar o aluno como sujeito de poder, imerso nas relações de poder e que não abnega sua vontade de vir-a-ser a todo instante é dar a ele a possibilidade de alcançar ao máximo sua potência. A escola como instituição que regula, reage frente às forças ativas, a fim de limitar a potência do aluno, visando enquadrá-lo a ser aquilo que é tido como a verdade do aprender e ensinar. Todavia, há alunos que tornam difíceis as definições.

A indisciplina e os indisciplinados continuam a existir nas escolas e nas salas de aula, as expensas das práticas disciplinadoras que, parecem, não conseguem dar conta de sua complexidade. Nesse sentido, cabe problematizar os discursos referentes a indisciplina e, sobretudo, pensar os alunos como ativos no processo escolar e que desviam das normas impostas, criando diferentes formas de viver o cotidiano escolar, diferentes daquilo que é idealizado como uma sala de aula exemplo para a escola.

Pensando sobre os alunos indisciplinados, é possível dizer que muitas tentativas de padronização se esvaem, uma vez que os alunos indisciplinados são ativos e fazem parte das relações de poder, e, por isso, escapam, reinventam e reconfiguram o espaço por eles ocupado. Cabe a escola, quem sabe, atentar não para a padronização, mas ao entendimento de que há diferentes maneiras de se viver o cotidiano escolar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. **A História da sexualidade I: a vontade de saber**. 22ª ed. São Paulo: Graal, 2012

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 26ª Ed Rio de Janeiro: Grall, 2013.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano:1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012.